

Primeira medalha para Portugal

Cavaleiros de BRONZE

Paris, cidade-luz, iluminou o desporto português em 1924, com a primeira medalha olímpica: no hipismo, José Mouzinho de Albuquerque, Aníbal Borges de Almeida e Hélder Martins registaram finalmente as cores portuguesas no pódio.

Hebraico, Reginald e Avro: eis três heróis da história do olimpismo português dos quais nunca ou raramente se fala. A verdade é que estes três heróis conquistaram para Portugal a sua primeira medalha olímpica, uma de bronze, nos Jogos de 1924, em Paris. Em hipismo, na prova de obstáculos. Pois é, como já se percebeu, *Hebraico*, *Reginald* e *Avro* eram, respetivamente, os cavalos montados por José Mouzinho de Albuquerque, Aníbal Borges de Almeida e Hélder Sousa Martins. Os três cavaleiros ganharam, com a ajuda dos seus animais, um lugar na história do desporto português, doze anos depois da amarga estreia lusitana nos Jogos de Estocolmo. O seu terceiro lugar abriu uma nova era no desporto praticado em Portugal.

Dos três, o melhor classificado na tradicional Taça das Nações (prova por equipas, de saltos de obstáculos) foi Aníbal Borges de Almeida, que conseguiu um excelente quinto lugar, com o bravo *Reginald*. Com 12 pontos de penalização, ficou apenas a dois pontos do terceiro classificado.

Aníbal tinha, então, apenas 18 anos, e é ainda hoje o mais jovem medalhado português. Nasceu na serra da Estrela, em 1906, mais exatamente em Figueiró da Granja, no concelho de Fornos de Algodres.

Hélder de Sousa Martins, 12.º classificado, nasceu em 1901, frequentara o Colégio Militar entre 1912 e 1918, e chegaria a general do Exército português. Em 1924, foi 17.º na competição

individual; voltaria aos Jogos em 1928, terminando em sexto na competição por equipas e em 16.º na individual. O seu nome ficou registado na toponímia portuguesa, em várias ruas.

ALIMENTADO A AÇÚCAR

Mouzinho de Albuquerque (16.º) era o mais cotado dos cavaleiros portugueses. Foi ele, numa entrevista ao *Sport Lisboa*, que depois deu conta de uma certa insatisfação pela conquista, apenas, do bronze. O cavalo em que mais esperanças se depositavam, *Hebraico*, de Albuquerque, estava doente e durante uma semana foi apenas alimentado a açúcar. Tratava-se de um cavalo lendário em Portugal: nascido em 1915, treinado pelo capitão, ganhara mais de 70 prémios, entre eles concursos internacionais como a *Copa de Gañadores*, em Madrid. Uma semana depois dos Jogos, já recuperado, venceu uma prova internacional (Fontainebleau) perante os mesmos concorrentes. Entende-se, assim, o discurso algo frustrado de Mouzinho de Albuquerque naquela entrevista ao *Sport Lisboa*: “Só 24 horas antes das provas olímpicas começou a melhorar, esteve proibido de comer ração durante seis dias, foi alimentado apenas a açúcar e luzerna. Estava por isso muito fraco. Garanto-lhe que se essa circunstância se não tivesse dado a equipa portuguesa teria sido campeã olímpica em vez de ter ficado terceira. Aliás, em Fontainebleau foi isso mesmo que aconteceu, os concorrentes eram exatamente os mesmos dos Jogos Olímpicos.”

Albuquerque era o mais famoso cavaleiro nacional, e na entrevista fez outros reparos importantes: “Batemos 12 nações que compraram, todas elas, cavalos especiais para o concurso olímpico; o preço por que os adquiriram variou entre 25 e 50 mil francos. Nós não pudemos fazê-lo. Os *equipers* estrangeiros chegaram a Paris com um mês de antecedência, nós tivemos oito dias para fazer todos os preparativos – e ainda por cima dois cavalos iam doentes...”

De facto, além do problema do *Hebraico*, outro cavalo teve de ser emprestado pelo milionário Reinaldo Pinto Basto, que se levantava todos os dias de madrugada para ir dar banho ao animal.

A estes incidentes, juntou-se um acidente de automóvel de José Pontes, presidente do Comité Olímpico Português, que estava num hospital em Paris quando soube da conquista da medalha de bronze: “Eles deram-me a maior alegria da minha vida. Tinha-me sucedido um acidente de automóvel, minha esposa tinha ficado contundida e estava toda entapada, depois do curativo. Soubemos pouco depois da notícia e a felicidade fez-nos esquecer o desastre. Os nossos cavaleiros manifestaram sempre uma fé inabalável na vitória, todos nós nos deixámos contagiar por esse espírito.”

REFERÊNCIA DESPORTIVA

À data da participação nos Jogos de Paris, Mouzinho de Albuquerque tinha 38 anos. Era

o mais velho dos quatro, e uma referência no desporto em Portugal. Detentor de inúmeras medalhas de mérito, foi coorganizador do primeiro concurso hípico no país, na Tapada da Ajuda, e ainda participou nos Jogos de 1928, em Amsterdão, ficando então no 6.º lugar na competição de equipas em salto equestre. Foi coronel de cavalaria, comandante da Guarda Nacional Republicana, da Legião Portuguesa e do Regimento de Cavalaria n.º 7, adido militar à embaixada de Portugal em Paris e diretor da Fábrica de Pólvora e Munições de Barcarena. Recebeu várias medalhas de bons serviços e de ordens militares, e faleceu em 1965, não deixando descendência, com ele se extinguindo a varonia da família Mouzinho de Albuquerque (Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque, conhecido pela captura de Gungunhana em Moçambique, era um seu primo afastado).

Na equipa estava ainda D. Luís Cardoso de Meneses (Margaride), com *Profond*, o qual, sendo 21.º, não entrou na contabilização de pontos para a medalha.

Num balanço final, Portugal somou 53 pontos de penalização, ficando apenas atrás da Suíça (50) e da Suécia (42,5). Participaram, na prova coletiva, 15 nações, e, nas provas individuais, 47 concorrentes.

DINHEIRO DO PRESIDENTE

Uma das notas mais curiosas sobre a primeira medalha portuguesa tem a ver com o facto de só com alguma habilidade e diplomacia ter

Portugal conseguido participar na competição de hipismo. À altura, não existia uma federação equestre no nosso país, pelo que Portugal não estava inscrito na Federação Equestre Internacional. Envolveram-se nesta questão o conde de Penha Garcia, representante português no Comité Olímpico Internacional, e o presidente do COP, José Pontes: comprometeram-se a legalizar a situação e conseguiram assim a autorização para participação nos Jogos Olímpicos. Portugal participou e ganhou a medalha... entregue pelo próprio Pierre de Coubertin, que organizava, então, os seus últimos Jogos Olímpicos.

Nestes mesmos Jogos de 1924, também a esgrima esteve à beira de uma medalha, mas estava escrito que, historicamente, a proeza seria apenas do hipismo. A verdade é que a equipa de esgrimistas acabou em quarto lugar, na prova de espada, depois de ter chegado às meias-finais: perdeu com a França e depois deixou fugir a medalha de bronze no confronto com a Itália. Uma derrota lamentada, na altura, pelo presidente do COP, José Pontes, aludindo ao nosso principal espadachim, Henrique Silveira: “Com um impulso bem português e no desejo de acabar depressa, atacou o adversário italiano, a quem não tocou mas deixou-se espetar na espada dele.”

As dificuldades de participação não se limitaram, aliás, ao hipismo, mas sim a toda a representação, numa conjuntura de grandes dificuldades para o país. No início dos anos 20,

Portugal estava em recessão económica, a moeda desvalorizava, a pobreza era uma realidade angustiante. Foi neste cenário que se tornou fundamental o trabalho de José Pontes quando foi eleito para presidente do COP: bateu a todas as portas, recebeu 110 contos do Ministério da Instrução e o Comité Olímpico Português ainda abriu uma subscrição, para ajudar a pagar a estada da equipa olímpica em Paris, pedindo a colaboração das coletividades desportivas: os maiores contributos chegaram das associações de futebol de Lisboa e Porto (5000 escudos cada uma), a que se juntaram o Vitória de Setúbal e o Vianense (mil escudos cada), o Benfica (500), o Grupo da Casa Tota (278), o CIF (250), a Casa Pia, o Sporting e o Ginásio Clube Português (200 cada). No final, como a verba ainda era insuficiente, a boa vontade do presidente da República, Teixeira Gomes, acabou por ser decisiva: colocou do seu próprio bolso o dinheiro que faltava! Portugal lá conseguiu participar, com uma comitiva de 25 atletas, em oito modalidades.

SEM BANDEIRA

Mesmo depois, apesar da medalha conquistada, não deixou de verificar-se um episódio embaraçoso para o país: quando das cerimónias de distribuição de prémios e encerramento dos Jogos, não havia bandeira portuguesa; só após os protestos da equipa, que ameaçou não se apresentar na cerimónia, foram fornecidas as bandeiras nacionais, que assim foram final-



A união faz a força

Os canoístas Emanuel Silva e Fernando Pimenta, antes rivais em provas individuais, juntaram esforços e trouxeram de Londres 2012 a prata pela prova K2 1000 metros.



► Para os Jogos do Rio de Janeiro, serão feitas quase 5000 medalhas

mente hasteadas no mastro e integraram o desfile das nações premiadas.

UM ATLETA A LEVANTAR OUTRO

A medalha que os cavaleiros portugueses trouxeram para Portugal, de bronze, era atribuída aos terceiros classificados desde os Jogos Olímpicos de 1904, em Saint Louis. Antes disso, há toda uma outra história. Primeiro, nos Jogos da Antiguidade, os vencedores recebiam uma coroa de folhas de oliveira: as medalhas só chegaram com os Jogos da era moderna. Nos primeiros, em Atenas 1896, atribuíram-se medalhas de prata para os vencedores e de bronze para os segundos classificados. Em 1900, os vencedores receberam medalhas... quadrangulares, uma espécie de pequenas placas. A partir de 1904, eram pequenas medalhas de ouro sólido, algo que durou apenas até 1912: depois veio a Primeira Guerra Mundial e a crise do ouro.

As medalhas dos Jogos de 1924 foram con-

cebidas pelo artista André Rivaud e confeccionadas pela *Monnaie* de Paris (o equivalente à nossa Casa da Moeda). Tinham 55 milímetros de diâmetro e o obverso da medalha apresenta um atleta nu a levantar um outro, sentado no chão, tendo, por baixo deles, os anéis olímpicos; no reverso, há uma harpa e diversos equipamentos olímpicos, e os dizeres “*VIII Olympiade Paris 1924*”.

Atualmente, as medalhas de ouro devem ter 92,5 por cento de prata e um mínimo de seis gramas de ouro, sendo a sua cunhagem da responsabilidade do país anfitrião.

Para os Jogos do Rio de Janeiro, olímpicos e paralímpicos, serão fabricadas 4924 medalhas para premiar as classificações (em 306 provas), e ainda mais 75 mil de participação. O trabalho está a cargo da Casa da Moeda do Brasil. As medalhas que premeiam as classificações (ouro, prata e bronze) têm na sua composição uma percentagem de metal oriundo da reciclagem de equipamentos eletrônicos.

SEM INTERRUÇÃO DESDE 1996

Depois do feito de 1924, o desporto português perdia complexos e abordava com ambição cada novo desafio olímpico. Quatro anos depois, a fé renovou-se, com nova medalha de bronze, desta vez através da equipa de esgrima (espada), constituída por Mário de Noronha, Paulo d'Eça Leal, Jorge de Paiva, Frederico Paredes, João Sasseti e Henrique da Silveira. Após um “intervalo” em 1932, Portugal chegou à prata em 1936, na vela, por Duarte e Fernando Bello, nos mesmos Jogos em que o hipismo voltou a brilhar com o bronze. Durante este período, e até ao 25 de abril de 1974, o desporto português ainda conseguiu mais três medalhas olímpicas – bronze em 1948 (hipismo) e 1952 (vela), prata em 1960 (vela) –, mas é após a revolução, com todos os efeitos na vida dos portugueses, que se nota um florescimento do desporto e uma afirmação mais segura em termos internacionais.

O primeiro sinal disso seria dado em 1976, com duas medalhas nos Jogos de Montréal, o que só acontecera em 1936. Surgiu no atletismo, através de Carlos Lopes, com uma medalha de prata nos 10 mil metros, e Armando Marques conseguiu, para o tiro, outra medalha de prata.

O feito de Lopes foi o prenúncio de um grande período de afirmação do atletismo nacional. Após um vazio de medalhas em 1980, Lopes voltou em grande em 1984, e nos Jogos de Los Angeles ganhou a primeira medalha de ouro olímpica para Portugal, vencendo a maratona. Um feito notável, acompanhado, nos mesmos Jogos, pelo bronze de António Leitão nos 5000 metros e pelo bronze de Rosa Mota na maratona.

Nos Jogos que se sucederiam, o atletismo conquistaria mais sete medalhas, através de Rosa Mota (ouro, 1988), Fernanda Ribeiro (ouro, 1996, e bronze, 2000), Francis Obikwelu (prata, 2004), Rui Silva (bronze, 2004), Vanessa Fernandes (prata, 2008) e Nélson Évora (ouro, 2008). Pelo meio, os feitos de algumas (poucas) outras modalidades: bronze para a vela em 1996, bronze para o judo em 2000, prata para o ciclismo em 2004, e prata para a canoagem em 2012.

No total, Portugal conquistou 23 medalhas olímpicas: quatro de ouro, oito de prata e onze de bronze. Desde 1996 que o desporto português não sai de mãos a abanar de um desafio olímpico: há cinco provas seguidas que Portugal ganha sempre qualquer coisa, sendo este



Michael Phelps é o atleta olímpico mais medalhado de sempre.

Super-olímpicos

A história dos Jogos Olímpicos e das suas medalhas nunca poderá ser feita mencionar Michael Phelps. O nadador norte-americano é o atleta mais medalhado de sempre, acumulando um total de 22 medalhas, em quatro olimpíadas. Destas medalhas conquistadas, 18 são de ouro! Phelps atingiu este registo em Londres 2012, competição em que venceu os 4x200 metros livres, os 4x100 metros estilos, os 200 metros livres e os 100 metros mariposa! Com estes feitos, ultrapassou a recordista até então, a ginasta soviética Larisa Latynina, que somava 18 medalhas. Seguem-se, no *top 10*, Paavo Nurmi (Finlândia, 12), Bjorn Daehlie (Noruega, Jogos de Inverno, 12), Birgit Fischer (Alemanha, 12) e Sawao Kato (Japão, 12), e depois os norte-americanos Jenny Thompson (12), Matt Biondi (11), Mark Spitz (11) e Carl Lewis (10). Phelps anunciou a sua retirada após os Jogos Olímpicos de 2012, mas em 2014 retomou as competições, e em março último, numa conferência de imprensa da equipa olímpica dos Estados Unidos, disse estar em grande forma e prometeu estar nos Jogos do Rio de Janeiro com todas as ambições.

Como se verifica, nos “dez mais” há cinco atletas norte-americanos, o que espelha bem o domínio dos Estados Unidos na maior competição desportiva do mundo. Esse domínio é notório quando fazemos a estatística sobre os países com mais medalhas nos Jogos. Os Estados Unidos comandam, a grande distância, com um total de 2653 medalhas (1062 de ouro), com a União Soviética no segundo lugar: 1204 medalhas (473 de ouro). Porém, é preciso registar que a União Soviética participou apenas em 18 edições dos Jogos, entre 1952 e 1988. Em 1992, 12 das 15 ex-repúblicas soviéticas participaram como CEI (Comunidade de Estados Independentes); antes (1900,

1908 e 1912) e depois (de 1996 a 2012), participou a Rússia (que mesmo assim é o décimo país com mais medalhas (108, 23 de ouro).

Registe-se ainda, neste *top 10* de países, os totais de Alemanha (1143), Reino Unido (802), Itália (656), França (766), China (516), Alemanha Oriental (519) e Suécia (487).

Há quatro anos, em Londres 2012, a classificação coletiva não andou muito longe destes dados. Assim, os Estados Unidos foram mais uma vez o país mais medalhado (104), seguido pela China (87) e pelo Reino Unido (65).

Apesar do valor que é a conquista de uma medalha de ouro, de prata ou de bronze nuns Jogos Olímpicos, maior significado terá talvez a Medalha Pierre de Coubertin, atribuída apenas a desportistas que valorizam a competição olímpica mais do que a vitória. É feita em ouro e é atribuída pelo COI desde 1964. Foram distinguidos até ao momento catorze atletas – nenhum português –, entre Jogos de Verão e de Inverno, e cada distinção tem uma extraordinária história a explicá-la. Vale a pena referir a do brasileiro Vanderlei Cordeiro de Lima, em Atenas 2004: na maratona, Vanderlei levava vantagem ao quilómetro 35 e parecia ter a medalha de ouro ao alcance, quando foi atacado pelo ex-padre irlandês Cornelius Horan, que o atirou para fora da pista. Ajudado a regressar, o brasileiro ainda conseguiu liderar, mas, perturbado pelo incidente, acabou por ser ultrapassado, terminando no terceiro lugar e exibindo, apesar de tudo, um sorriso. Entre os distinguidos com a Medalha Pierre de Coubertin, está também Emil Zatopek, a título póstumo. O último premiado foi o árbitro Michael Hwang, de Singapura, nos Jogos Asiáticos de Incheon 2014, pelos serviços prestados ao Conselho Internacional de Arbitragem Desportiva.



Depois de surpreender o mundo nos Jogos de 1924, Johnny Weissmuller ainda ganharia mais duas medalhas de ouro em 1928, após o que passaria à história como o intérprete de *Tarzan*. Na foto, com o norte-americano Duke Kahanamoku, outro nadador lendário, que se despediu dos Jogos em Paris 1924, tendo acumulado cinco medalhas.

Janela para o cinema

Insuspetáveis para os portugueses, os Jogos de Paris em 1924 – realizados entre 5 e 27 de julho – foram marcantes por diversas razões, uma das quais é a riqueza das histórias dos seus protagonistas, que o cinema aproveitaria, por diversas formas.

Uma delas foi o filme *Chariots of Fire* (*Momentos de Glória*, em Portugal), de 1981, que ganharia diversos prémios, incluindo quatro óscares. O filme conta a história da preparação da equipa de atletismo do Reino Unido para os Jogos de 1924, com foco nos atletas Eric Liddell e Harold Abrahams. Este último haveria de consagrar-se como o primeiro europeu a ganhar uma medalha de ouro nos 100 metros, depois de uma batalha por se preparar com um treinador profissional (algo inaceitável então...), abandonando o desporto no ano seguinte, depois de partir uma perna; seria ainda juiz, escritor, jornalista e presidente da Federação Britânica de Atletismo. Seria Liddel a protagonizar o maior dramatismo: filho de um missionário, era candidato ao ouro nos 100 e nos 200 metros, sendo o grande rival de Abrahams. Porém, as suas convicções religiosas mostraram-se mais fortes: desistiu dos 100 metros por se recusar a disputar eliminatórias a um domingo, e não foi além do bronze nos 200 metros; estava na capela a rezar quando lhe surgiu a ideia de se inscrever nos 400 metros, que poucas vezes correira. Foi, venceu e bateu o *record* mundial. “O segredo? Enquanto rezava, senti algo de divino dizendo-me que só precisaria

de correr 200 metros como sempre corri, porque nos restantes 200 correria mais rapidamente ainda com a ajuda de Deus, nas asas do Senhor!”, explicou mais tarde. Um ano depois, partiu para a China em pregação, o que fez durante vinte anos, até à altura em que os japoneses invadiram o território e o colocaram num campo de concentração, onde morreria. O cinema haveria também de aproveitar profusamente outro dos protagonistas destes Jogos de 1924: Johnny Weissmuller, nadador norte-americano, que se tornaria célebre pela interpretação do personagem de Tarzan. Filho de emigrantes romenos, nascido na Pensilvânia, Weissmuller sofria de poliomielite em criança, quando lhe recomendaram a natação. Assim recuperou e se tornou um dos maiores heróis da sua geração: em Paris 1924, com apenas 17 anos, ganhou três medalhas de ouro e uma de bronze. Quatro anos depois, mais duas medalhas de ouro. A seguir, profissionalizou-se e dedicou-se ao cinema. Menos abordado cinematograficamente foi outro grande herói destes Jogos, o finlandês Paavo Nurmi. Considerado um dos melhores corredores de sempre, já vinha consagrado da olimpíada anterior, mas só em Paris 1924 ganhou cinco medalhas de ouro no atletismo, conseguindo, por exemplo, a façanha de vencer os 1500 e os 5000 metros no mesmo dia, com apenas 55 minutos de intervalo entre as provas! A sua história foi registada num documentário do finlandês Peter von Bagh.



Campeã. Luciana Diniz é a grande esperança para repetir a façanha de 1924 e levar para casa uma medalha no hipismo.

o seu melhor período. Los Angeles 1984 e Atenas 2004 foram as melhores participações, com três medalhas em cada uma delas.

De toda esta história, resulta que Portugal tem quatro campeões olímpicos (Carlos Lopes e Rosa Mota na maratona, Fernanda Ribeiro nos 10 mil metros e Nélson Évora no triplo salto) e quatro duplos medalhados: Carlos Lopes (ouro e prata), Rosa Mota (ouro e bronze), Fernanda Ribeiro (ouro e bronze) e Luis Mena e Silva (hipismo, dois bronzes).

TRADIÇÃO EQUESTRE

E no Rio, como será? O que esperar? Além de todas as outras expectativas, será possível fazer justiça à longínqua medalha de 1924? Portugal não conquista uma medalha no hipismo desde Londres 1948. Então, os cavaleiros portugueses foram mais uma vez de bronze: Fernando Silva Paes (com *Matamas*), Francisco Valadas Júnior (com *Feitiço*) e Luís Mena e Silva (com *Fascinante*). Desde esses Jogos, o hipismo nacional esteve quase sempre presente, falhando apenas as edições de 1968, 1976, 1980 e 1984. Em Londres 2012, a modalidade fez-se representar por Gonçalo Conchinhas Carvalho, em *dressage* individual masculina, que terminou no 16.º lugar, e por Luciana Diniz, em saltos de obstáculos individual femininos, 17.ª classificada.

Para o Rio, Luciana Diniz está mais uma vez apurada, na mesma especialidade. Luciana participará pela segunda vez em representação de Portugal, depois de ter estado nos Jogos de Atenas, em 2004, com as cores do Brasil.

► A delegação portuguesa ao Rio já conta um mínimo de 55 atletas

Depois destes Jogos, naturalizou-se portuguesa, e é nesta qualidade que estará nas olimpíadas do Rio de Janeiro, ela que nasceu em... São Paulo.

Atual campeã do *Global Champions Tour*, é com ambição que perspetiva esta participação: “Monto por Portugal desde 2006, já representei o país em Londres e estive perto de uma medalha. Atualmente, estou na minha melhor fase desportiva e com grandes esperanças para esta participação no Rio. Acho que a modalidade está a crescer em Portugal e eu espero fazer parte dessa história.”

A residir na Alemanha, onde monta para o barão Edouard de Rothschild – com o qual criou uma fundação –, Luciana é, pois, uma das grandes esperanças portuguesas para responder, 92 anos depois, à medalha de Paris 1924.

Há quatro anos, em Londres, o desporto português brilhou com a prata da canoagem, em K2 1000 metros, conseguida pela dupla formada por Fernando Pimenta e Emanuel Silva. Portugal já garantira, até finais de março, 6 vagas na canoagem, o que dá perspetivas de uma nova boa participação. “A medalha de prata do Fernando Pimenta e do Emanuel Silva em Londres veio confirmar as expectativas que a modalidade tinha em relação a estes dois excelentes atletas, tendo em conta os resultados e os tempos que vinham realizando.

Poder assistir ‘por dentro’ a um momento como aquele foi uma experiência maravilhosa que só o desporto proporciona. Quanto ao que podemos esperar, certamente que, como em todas as modalidades, há uma enorme vontade em superar os melhores resultados e concretizar o sonho da glória olímpica”, perspetiva o chefe da missão olímpica portuguesa para o Rio 2016, José Garcia.

FORTES ESPERANÇAS

Ele próprio um antigo canoísta, Garcia sentiu-se honrado com a nova função: “Estou no grupo dos atletas que não consideram ter tido uma excelente carreira porque gostariam de ter feito mais, muito mais. Quanto à função e à confiança que o Comité Olímpico depositou em mim para ajudar a criar as melhores condições aos nossos atletas que participarão nesta edição dos Jogos Olímpicos que ‘falam português’, quero deste modo expressar a honra e o orgulho que sinto em poder continuar a servir Portugal.”

Garcia destaca o valor e o empenho dos atletas portugueses, mas, a pouco mais de três meses dos Jogos, escusa-se a traçar expectativas: “O objetivo é sempre tentar fazer melhor. Temos atletas de grande qualidade que levam muita ambição na bagagem, mas não fazemos promessas de algo que é impossível de prever

ou quantificar a esta distância. À data, encontram-se qualificados, ou com marcas de qualificação, 55 atletas de nove modalidades. Porém, ainda temos vários atletas de fora, que ainda não têm garantida a sua participação, não porque não tenham valor para tal, mas porque o seu período de qualificação ainda não terminou. Neste sentido, é prematuro falar sobre expectativas, restando-me desejar o máximo sucesso aos nossos atletas no apuramento e que os resultados nos Jogos Olímpicos se aproximem dos valores de referência definidos pelo Programa de Preparação Olímpica no que diz respeito a medalhas e a presenças em finais e em meias-finais.”

O chefe da missão olímpica dá relevo ao facto de Portugal ter atletas que “conquistaram no presente ciclo medalhas em campeonatos mundiais e europeus, e atletas que se encontram nos lugares cimeiros dos *rankings* das suas modalidades”.

É natural, pois, que esperanças muito fortes residam em nomes como Nélson Évora (campeão olímpico no triplo salto em 2008), Vanessa Fernandes (vice-campeã olímpica no triatlo em 2008) ou Telma Monteiro (campeã europeia de judo em 2014, vice-campeã mundial no mesmo ano), não esquecendo o futebol (vice-campeão europeu de sub-21) ou o ténis de mesa (excelentes resultados, individual e coletivamente). Desde o bronze de 1924, a porta dos sonhos ficou aberta às cores portuguesas: resta saber o que nos reservam os primeiros Jogos que falam a língua de Camões.

J.S.